



J. Chrys Chrystello*

Portugueses

Este foi o discurso que nunca cheguei a ouvir, mas imaginei:

“Portugueses, portugueses

É mentira que o Governo esteja a preparar novos impostos, novas subidas de preços e mais cortes nos benefícios de empregados e desempregados, reformados ou no ativo. Nunca foi intenção deste Governo aumentar a pobreza, o desemprego, a fome no país, mas herdámos uma pesada herança do Governo anterior que vai demorar várias gerações a pagar e temos que satisfazer os compromissos assumidos por anteriores governos. Nunca foi nossa intenção dar dinheiro à Banca que causou esta crise, mas somos obrigados por contratos anteriormente firmados e que bloqueiam qualquer hipótese de renegociação, motivo pelo qual fomos cancelando benefícios aos nossos funcionários, que infelizmente terão de suportar as reformas estruturais que pretendemos implementar no país e que resultam obviamente do que foi negociado no passado por anteriores governos e que nos impõe esta necessidade de trazer sanidade às contas públicas. Teremos assim de vender os anéis para que sobre os dedos e mesmo assim não temos garantia de que isso seja suficiente. Destarte vendemos a energia da EDP, a distribuição da REN,

negociamos a venda das águas, da companhia aérea, dos aeroportos e outras infraestruturas, muito mais rentáveis se forem os estrangeiros a gerir-las porque francamente o Estado não tem capacidade para gerir tão variados bens.

As portagens introduzidas nalgumas estradas SCUT visam aumentar a utilização pelos turistas que aqui vêm deixar divisas e reduzir o tráfego e viaturas portuguesas, o que permitirá aos turistas andar mais livre e desafogadamente nas nossas estradas a fim de que regressem aos seus países com uma melhor impressão de Portugal. Ao enviarmos os jovens licenciados e desempregados para outros países estamos a exportar os conhecimentos que fizeram dos portugueses um povo de navegantes e descobridores, e estamos convictos de que também eles virão a descobrir novos mundos e formas de vida, permitindo aumentar a importância dos portugueses nessas sociedades de acolhimento e obterem posições de relevo tão importantes para o orgulho nacional. Temos tomado inúmeras medidas como o encerramento de hospitais, maternidades, centros de saúde, tribunais e outros serviços cuja produtividade era baixa e custavam imenso a manter, pois estudos recentes provam que algumas das medidas toma-

das pelo Governo antes de 1974 eram bem mais económicas que as atuais e conduziram o país a uma riqueza de que só resta a memória hoje. Estamos convencidos de que com todas estas alterações estruturais estaremos a criar sólidas bases para a riqueza de Portugal. Pretendemos - em breve - expropriar todos os terrenos agrícolas não cultivados e entregá-los aos estrangeiros para que estes com as suas técnicas mais evoluídas possam ali obter uma produção agrícola que nos permita voltar aos tempos dos celeiros da nação. Sabendo-se como é exígua a oportunidade de emprego nessas terras do interior assim estaremos a contribuir para uma redução do desemprego local. Além das reduções dos elementos autárquicos base, as freguesias, estamos a criar uma nova dimensão do país que nem havia sido tentada desde Mouzinho e que permitirá reduzir os bairrismos que tanto têm servido para dividir o país em pequenas parcelas em vez de o aglutinar. Estamos cientes de que a situação geral do país irá melhorar com todas estas medidas e em breve nos orgulharemos de ser um país que todos invejam.”

*Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia

Governo investe 6,2 ME em caminhos florestais em 2018



O Secretário Regional da Agricultura e Florestas anunciou que serão investidos este ano 6,2 milhões de euros na melhoria das acessibilidades florestais nos Açores, com o intuito de contribuir, de forma directa, para um aumento da competitividade das explorações agrícolas e da segurança de todo o sector.

“Este montante de investimento demonstra, claramente, o esforço que o Governo está a fazer no sentido de qualificar, de melhorar as acessibilidades às explorações agrícolas e, sobretudo, facilitar a vida dos agricultores”, afirmou João Ponte, após visitar a obra do caminho agrícola dos Matos de São João, no concelho das Lajes do Pico.

No último dia da visita estatutária à ilha do Pico, o governante destacou que

actualmente, a par do abastecimento de água e energia eléctrica, ter acessibilidades boas e em condições representa, por um lado, “motivo de segurança, mas, sobretudo, contribui para facilitar a vida aos agricultores e para a redução de custos e melhoria da rentabilidade das explorações agrícolas”.

Para João Ponte, importa prosseguir o esforço de modernização do sector agrícola que tem sido feito pelo Governo Regional em todas as ilhas.

Relativamente à beneficiação do caminho dos Matos de São João, orçada 700 mil euros, o Secretário Regional disse que se trata de mais um investimento que reforça e dá um contributo importante para a melhoria das acessibilidades às explorações agrícolas na ilha do Pico.

Este caminho, segundo João Ponte, é uma “via essencial” à atividade agropecuária, beneficiando 46 hectares de florestação e 87 hectares de pastagens, distribuídas por 22 explorações pecuárias, o que representa uma melhoria directa das acessibilidades para 28 agricultores.

“Há consciência, por parte do Governo, que há necessidade de continuar a investir nas acessibilidades e em melhorar muitas das vias que hoje servem os agricultores, que já foram construídas há alguns anos e que, naturalmente, carecem de manutenção por parte dos serviços do Governo”, afirmou João Ponte, salientando o esforço tem vindo a ser feito.

“...20 anos depois” no Museu Municipal da Ribeira Grande

Está patente no Museu Municipal da Ribeira Grande a exposição de fotografia “...20 anos depois”, de Pereira Lopes, integrada no iN Ribeira Grande, extensão do iNstantes – Festival de Fotografia de Avintes, evento que decorre na cidade nortenha até 15 de Abril próximo.

As fotografias de Pereira Lopes, director do iNstantes, mostram um olhar atento das emoções e lembranças de alguns dos antigos operários mineiros das minas de carvão do Pejão, retratadas vinte anos depois do encerramento das minas.

As minas do Pejão começaram a fun-

cionar em 1886 e fecharam a 31 de Dezembro de 1994. A exposição contempla cerca de vinte fotografias de pessoas retratadas que laboraram na empresa durante muitos anos e representa os milhares de pessoas que ali laboraram.

Pereira Lopes começou a fotografar, de forma sistemática, em 2005. Em 2008, foi convidado pelo Instituto Português de Fotografia a participar no livro “Olhares”. Editou o livro “... 20 anos depois” com retratos de antigos funcionários das minas do Pejão e é co-autor do livro “20: retrato a cores” das edições Vieira da Silva. Já expôs em Portugal, Espanha, França e Chipre.

